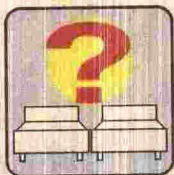


Crise na saúde obriga médicos a fazerem 'a escolha de Sofia'

LETICIA HELENA e MÔNICA FERREIRA

Era uma tarde de domingo quando Eduardo Rodrigues Meireles chegou ao Hospital Miguel Couto com cinco tiros na barriga. Cinco bolsas de sangue foram usadas na cirurgia de extração das balas. Em consequência, cinco pacientes da ortopedia para quem o sangue estava reservado e que seriam operados no dia seguinte tiveram seu sofrimento prolongado por mais alguns dias. Eduardo — o traficante que horas antes provocara a morte de um menino de 13 anos ao usá-lo como escudo durante um tiroteio na Rocinha — foi o vencedor de uma batalha que a cada dia se torna mais comum nos hospitais públicos do Rio: a chamada "Escolha de Sofia", numa referência ao filme em que uma mãe é obrigada a decidir qual dos filhos será levado para a câmara de gás em Auschwitz e qual sobreviverá.

A crise no setor de saúde transferiu para as mãos dos médicos o encargo de decidir quem será atendido — o que, muitas vezes, significa optar entre vida e morte. Apesar de escolhido, Eduardo morreu. Os outros cinco pacientes foram operados — talvez pela sorte de não ter surgido outra situação de emergência. A mesma sorte não tiveram quatro doentes que estavam internados no Miguel Couto e no Getúlio Vargas no início da semana retrasada, esperando uma vaga no CTI. Preteridos por pessoas em estado mais grave, eles morreram durante a apuração dessa reportagem. Médicos admitem que essas pessoas teriam mais chances de sobreviver se tivessem tido acesso aos recursos só existentes no CTI.



— O mais irônico é que estamos bem aparelhados, com a equipe necessária mas, diante do número de remoções, acabamos incapacitados para dar o atendimento necessário — lamenta Paulo Pinheiro, diretor do Miguel Couto, diagnosticando, assim, uma das causas da "escolha de Sofia": o excesso de remoções para os chamados hospitais de fim de linha, basicamente Salgado Filho, Miguel Couto e Souza Aguiar. Nesses hospitais, raramente faltam equipamentos, equipe ou medicamentos. Mas sobram pacientes transferidos de outras unidades onde, às vezes, o plantão se resume a uma médica, uma acadêmica e uma maca.

Se para a maioria das famílias dos pacientes preteridos qualquer explicação se mostra inaceitável, para os médicos a experiência não é menos traumatizante:

— É incalculável o número de médicos licenciados por problemas de úlcera, ansiedade e outras doenças geradas pelo estresse provocado por esse tipo de situação — afirma José Macedo de Araújo Neto, assistente de direção do Souza Aguiar.

No filme "A escolha de Sofia", um dos personagens faz uma clara referência ao também médico Josef Mengele, o nazista que, julgando-se o próprio Deus, escolhe entre os judeus que chegam nos trens os que vão morrer nas câmaras de gás e os que merecem viver. Para Luís Tenório, presidente do Sindicato dos Médicos, a comparação é mais cruel:

— Será que essa situação da saúde pública não está criando novos campos de concentração? As autoridades são os homens da Gestapo e nós, os judeus, obrigados a entregar nossos filhos para as câmaras de gás, obrigados a decidir qual deles vai sobreviver.

Cirurgias adiadas para socorrer traficante

A gravidade é a senha. Ao dar entrada no Hospital Miguel Couto no dia 5 de julho, Eduardo Rodrigues Meireles, de 29 anos, obrigou os médicos da emergência a fazerem uma "escolha de Sofia". Baleado com cinco tiros na barriga, ele foi o escolhido pelos médicos, diante da extrema gravidade de seu quadro. Durante a cirurgia para extração das balas, foram utilizadas as cinco bolsas de sangue que estavam reservadas para cinco operações marcadas para o dia seguinte. O sangue fora obtido pelas famílias dos pacientes que esperavam na ortopedia o momento de ter seu sofrimento

abreviado. Mas "sangue não tem dono" e o socorro a Eduardo era mais urgente, relembra o diretor do hospital, Paulo Pinheiro.

Horas antes, durante um tiroteio entre traficantes na Rocinha, esse mesmo Eduardo não pensara duas vezes ao ver passar Dejair Leandro de Melo, de 13 anos, que saíra de casa para comprar balas para os irmãos: agarrou o menino e o usou como escudo contra os tiros. Baleado na cabeça, Dejair não teve sequer a chance de ser escolhido, pois morreu poucas horas depois. Eduardo também morreu, três dias após a cirurgia.